



# O PREGÃO

DE

# S. NICOLAU

Recitado nas ruas e praças  
de Guimarães pelo aluno

Carlos Manuel Mendes Ferreira

A voz das Nicolinas levantada  
À força d'alma, à força de pulmão  
Num renovado ciclo alimentada  
Para que seja a Voz da Tradição;  
E de ritmos antigos coroada  
Batidos com ardor no coração  
A voz que me arrebatá já me incita  
A apregoar bem alto o que me dita.

Eu canto os estudantes nas escolas  
Pelejando contra aulas e matérias.  
Alguns melhor seria nas sacholas  
Pegarem com afinco, sem mais lérias.  
Mas há também aqueles cujas tolas  
Merecem estudar até nas férias.  
Porque isso de num Curso ser aceite  
Exige sacrifício e muito leite.

E canto os grandes feitos d'Avoengos  
Da Tradição os sumos sacerdotes  
Servidores de Baco que já trengos  
Ainda desatavam aos pinotes.  
Era vê-los, vetustos, solarengos  
Seus braços a zurzir como chicotes  
Rijas peles de bombos de Caneiros  
Que rebentavam antes dos Pinheiros!

Mais canto a brava gente que trabalha  
E vê televisão e ao Domingo  
Ou vai ao futebol ou se atrapalha  
Se na pastelaria pede um pingo  
Pró miúdo que faz tanta migalha  
Que a mamã lhe bate, perde um brinco  
Entorna sobre o pai a coca-cola  
E acaba o santo dia à castanhola!

Exige este Pregão uma mistura  
De versalhada séria e chocarreira  
Pra que não seja ouvi-lo uma tortura  
E passe entre a verdade muita asneira.  
Não cuides tu, porém, cavalgadura  
Te sirva pra limpar tua traseira!  
Decerto se assim pensas que és pedante  
Ou riscas co'a cabeça o diamante!



Ó tu, musa Calíope formosa,  
Que assistes a estes transes inspirados  
Concede-me uma voz mais sonora  
Que leve este Pregão a vastos lados.  
E dá-me o verbo certo, dá-me a glosa  
Das multidões de factos que alados  
Deste ano já fizeram a História.  
Pra que honre a Nicolau tua memória.

Dedico este Pregão, e não sem dor,  
Àqueles que jamais ninguém acorda  
Quietos como sábios no torpor  
Da longa Noite Eterna: o padre Borda  
E o Pai do que o Pregão fez com labor.  
Mil sombras a passar que a dor recorda  
De tantos e tão gratos caminhantes  
Num Cosmos onde as vidas são instantes.

Mas voltemos à cena barulhenta  
À trágica comédia, ao dia-a-dia  
Aos ódios e paixões, à violenta  
Circulação do sangue, à teimosia  
Dos órgãos e dos sonhos, a essa atenta  
Inteligência brava que alumia  
As lunações da vida, essa vontade  
De luz e de alegria e de verdade.

Voltemos ao Pregão em tom menor  
A ver se conseguimos ter piada.  
Trabalho mais difícil, bem pior  
Que armar qualquer sisuda **reiseirada**.  
Poís tudo aqui é sério, mui senhor  
Duma altiva picanca engravatada;  
Guimarães, teu progresso, teu porvir  
Que bom seria ver-te só sorrir...



Assim como da Penha essas manadas  
De penedos pastando pelas encostas  
Descaem pra cidade e espantadas  
Aprendem a falar, fazem propostas;  
Tal é a raça de gentes afamadas  
Cujas ideias mais parecem bostas.  
Não porei eu, contudo, as mãos no lume  
Que só em Guimarães medre esse estrume.

Em ti reinam as brumas, ó Memória,  
Se te peço inseguro que me indiques  
Na incerta segurança da História  
Onde terá nascido o nosso Henriques.  
Que a dúvida é tão grave, tão notória  
Que os bairristas atijam velhos tiques  
E jorram os palpites, os dislates  
Desagravos, delírios, disparates.

Terá o nosso Rei mesmo nascido?  
E a mãe, se mãe houve, deu-o à luz?  
Eis questões que, entre outras e a pedido  
De centos de famílias, eu me pus.  
Talvez que andasse o Conde distraído  
A dar coça em Castela... e catrapus  
Nasceu o grande Afonso atordoado  
Em Coimbra, em Guimarães, em qualquer lado!

Mais certo é existir lá pra Briteiros  
Um rude povilêu tão agitado  
Que manda garrafões e fogueteiros  
Para cima de um castro arruinado.  
Ele é piquenicoes, ele é tendeiros  
A profanar o solo antepassado.  
O próprio S. Romão dispensa as missas  
Pra não ver na Citânia assar chouriças!

Reinou durante o ano a confusão  
Na sossegada Casa de Sarmento;  
Um Príncipe guerreiro sem pendão  
Tirou o Foral aos reis e o assento.  
E a guerra logo acesa com paixão  
Em tão conspícuos sócios teve alento  
Que na Sociedade até mudou  
O que na **Perestroika** não se ousou.

Anda a Câmara tão atarefada  
A consertar a Praça do Tournal  
Que é ver agora a fonte iluminada  
Cheia de água gasosa mineral.  
E já aquela ideia aparvalhada  
De pendurar na Penha, desde o vale,  
Funicular catita é dum arrojo  
Que espanta e embasbaca e mete nojo.

O autarca Presidente co'a mania  
De em tudo se meter anda alquebrado;  
Ali ouve grasnar a Minoria;  
Além a Oposição a dar um brado;  
Aqui bufam as gentes e lá pia  
Talvez um requerente esperançado;  
Um técnico casmurro rosna mais  
- E urra o Presidente; "Que animais!"

A urbe quer crescer. Lembrou-se agora  
D'alojar as bem-vindas, sempre espertas  
Matilhas de estudantes lá de fora  
Que buscam ter casota a horas certas.  
E a Câmara suplica e implora  
Que mostrem nossas gentes ser abertas.  
E abrir, elas bem abrem muito as bocas  
Que por contos de reis não são bacocas.

E pasma agora, ó Povo Nicolino,  
Se não achas motivo para espanto  
Haver um deputado Cicciolino  
Por este burgo eleito, que é tão santo!  
Será a nossa Penha o Palatino?  
E essa Eterna Roma, por encanto,  
Tem forum no Tournal? Ou é chalaça  
Que seja lá da Meda esta louraça?

E no Paço dos Duques de Bragança  
Que magalas em tempos albergou  
Entre os belos Pastrana e a faiança  
Um duque de Barroso lá se achou.  
Cultura à quarta-feira de harpa e dança  
É coisa em que por certo já pensou.  
No claustro qualquer dia inda pespega  
De bois de Montalegre c'uma achega!

Pedi a um estrangeiro me dissesse  
Que impressões recolheu da sua estada  
Em terras afonsinas. Disse: "Yes,  
Que ser muito bonito, saber nada,  
Ver-se grega pois mesmo que quisesse  
Posto turismo estar sempre fechada."  
E disse que pra achar os monumentos  
Punha o nariz no ar, cheirando os ventos!

No Largo da Oliveira e no do lado  
Um bronco rapazio de chuteiras  
Lá anda à biqueirada, alucinado,  
Em jogos disputados sem maneiras.  
E o campo em vez de relva é empedrado  
Pra serem mais vistosas as rasteiras.  
No ar os palavrões são mais que os golos  
E o tom medieval é de parolos.

No Largo da Condessa do Juncal  
Tristes condessas, tristes de figura  
Namoram figurões que, por sinal,  
Cuidando que são Homens, cornadura  
Têm de pobres diabos, afinal.  
Mas quando o corpo geme a alma supura  
E ei-los a errar em Afrodite  
O que lhes vai negar o treso Dite.

Sem luz e despistada, a Circular  
É obra tão tortinha que os carros  
Até se desafinam. Mas andar  
É bem pior na Veiga, onde galfarros  
São duma **jumentude** exemplar.  
E quando no Castelo fumam **charros**  
E põem-se a si próprios a dar **chutos**  
Exclama a Mumadona; "Mas que brutos!"

Agora andam as pernas sempre a par  
A esquerda e a direita bem juntinhas  
Não vá o Homem-Ácido atacar  
Aqueles que, coitadas, são manquinhas.  
E como vão da coxa ao calcanhar  
O melhor é fazerem-se curtinhas.  
Portanto é bom conselho que andemos  
Agachadinhos todos se o tememos!

Depois da grã Batalha de Lepanto  
Aos turcos se mostrou Vitória afoito.  
Mas ora os Otomanos, para espanto,  
Puseram nossa equipa num grande oitão!  
Foi este um mau sinal, e foi-o tanto  
Que por consolação, como biscoito,  
O Autuori pôs-se a dar à sola  
Pra não ter que aturar tanta cachola!



A guerra sobre o Golfo está suspensa.  
Qual uma tempestade anunciada  
Já sopra e assobia e se adensa  
Espesso o horizonte, e a trovoadas  
Assusta os animais, e a chuva intensa  
Fumega já ao longe, alucinada;  
Tal é o ar da guerra que anda perto  
Flagelo mais dos povos que o deserto.

Nos campos de Belona e de Mayorte  
Os vídeos se preparam; monitores  
De guerras em directo, tele-morte  
E painéis electrónicos, sensores  
Velocidades-luz, exacta sorte  
Controlos à distância, mil horrores  
Lançados no deserto com brilhantes  
Clarões das bombas químicas, mutantes.

E o petróleo arde de cobiça  
E os mísseis se carregam de pavores  
A areia já se aparta, movediça,  
Pra sepultar no luto os lutadores.  
Poder e território, tudo eriça  
O pêlo desta Besta, os seus furores.  
Se o ditador Saddam é belicoso  
Armou-o um Ocidente insidioso.

De Berlim foi o Muro derrubado  
E a Alemanha renasce gigantesca.  
Que de Hölderlin o génio alevantado  
Mereça este país, não a grotesca  
Imagem de um povo assoberbado  
Por arrogância rude e simiesca.  
E acalentasse a Europa génios tais  
E Zeus a amaria ainda mais.

Só o coração, ó Mundo, te acompanha!  
Em Berlim, em Moscovo, em qualquer lado  
Os amanhãs não cantam. E a artimanha  
Do Homem é viver esperançado...  
O sonho, a utopia e essa estranha  
Vontade de ter asas são pecado  
Se servem um império do discurso  
E negam o real da vida em curso.

E a cegueira humana, a minha, a tua,  
É aquela que a Terra fere e mata  
Mas pensa construir bases na Lua...  
Aquela que só quer e sabe e trata  
De tralha que se usa e lança à rua...  
Aquela que as vidas desbarata.  
E pra que os tempos fiquem orgulhosos  
Eis **hooligans, skin-heads** e mafiosos!



Se houver guerra no Golfo está guardada  
Uma secreta arma portuguesa.  
È feita de rojões, de feijoada  
E deixa o inimigo sem defesa.  
E abunda a gente brava sempre armada:  
Nicolinos e **Arautos**, a nobreza  
Dos **Trovador's do Cano**; e trauliteiros  
De Fafe, de Miranda os Pauliteiros!

Longos anos ao nosso Presidente!  
Nem mesmo o chino Mao foi tão louvado.  
Até quem era contra não desmente  
Que vai votar no Mário. Que engraçado!  
Até Cavaco Silva anda contente  
Por não ter candidato. E é só fado  
Que ande Horta a mostrar sua hortaliça  
E o Carvalhas, **inês**, venda nabiça!

E que bazófia reina em a Nação,  
Que paleio económico, que tédio!  
Ele é o índice, a taxa, a previsão,  
A poupança, o consumo, o custo médio,  
Não sei quê (que se lixe) da inflação,  
O mercado, os ECUs... e sem remédio  
Aquele **cagagésimo** por mês  
Que cabe por salário a cada rês!

O português finório está aluado.  
Vê a arder a floresta? Não faz mal.  
O que importa é ir ao hiper-mercado.  
A poluição alastra? Que é tal?  
Se houver telenovela sossegado  
Descansa o lusitano. E o animal  
Gosta é dos **multibancos**... mas magica  
Que quanto mais lhe dão com menos fica!

Também a corrupção se serve à mesa.  
Comilona, mastiga e lá enfia  
Após sopa e presigo a sobremesa:  
São barrigas-de-freire, melancia,  
Docinhos da mais vária natureza.  
Depois a conta yem e fino pia;  
Da bolsa do país s'abre a presilha  
E com a tralfulhice alguém se trilha!



Ó queques, ó chavalas, balconistas,  
Meninas das escolas, empregadas,  
Manequins, lavradeiras, estilistas,  
Peixeiras e feirantes, advogadas,  
Cabeleireiras, médicas, modistas,  
Trapezistas e profes, sopeiradas!  
Vós sois mais que as mães e os rapazes  
Vos rondam, mais que os Quins, como arganazes!

Agora já nem sei como dizer  
Aquelas patéticas do costume.  
Donzelas não sereis, pois a valer  
Bateis co'a maçaneta no curtume  
Em fortes zabumbadas. Vamos ver  
Se Vénus ou Minerva por ciúme  
Vos tornam Amazonas... Que sois belas  
E encantais os homens mais que elas.

Vai longo este Pregão e truculento  
E já me ri de mais à custa alheia.  
Mas rio de mim mesmo, que o talento  
De rir sem rir de si é coisa feia.  
Eis-me aqui meio tonto e tão sedento  
Que só beber, beber, tenho na ideia.  
Ó autor do Pregão, em vez de rima  
Podias dar-me vinho, que me anima!

Atenção, foleirada, prepara!  
Barulho que rebente com as **pinhas**!  
Meti um susto às gentes, perturbai  
Os deuses e saltai-lhes pràs espinhas!  
Tocai, batei, zurzi, forte rufai  
Até que as peles peçam plas alminhas!  
E eu que falei tanto e disse nada  
Aquela parte vou tão afamada!

*C. Alberto Neves P. Falcão*

PATROCÍNIO



OITO<sup>®</sup>  
SÉCVLOS

Oito Séculos - Livraria - Papelaria

RUA DA RAINHA  
GUIMARÃES